

Bernadette Lyra: um novo livro da nossa melhor escritora¹

Bernadette Lyra: Our Best Writer's New Book

Amylton de Almeida*

O verão ainda não chegou mas os primeiros sintomas de alegria intelectual e de prazer estéticos já estão se anunciando. Numa semana em que *E la nave va* de Federico Fellini está em cartaz na cidade, nada mais certo do que o retorno de Bernadette Lyra, nossa melhor escritora. Ela lança hoje, a partir de 19 horas, na livraria Logos (rua Duque de Caxias) seu novo livro, *Aqui começa a dança* (Editora Marco Zero, 70 páginas).

Aos 47 anos, Bernadette Lyra, que faz doutoramento em Arte, na Universidade de São Paulo, continua desenvolvendo uma trajetória que começou com *As contas no canto* (1981), *O Jardim das Delícias* (1984) e *Corações de cristal ou a vida secreta das enceradeiras* (1984), assustando todo o academicismo da literatura capixaba, provando que a tão propalada morte do conto ainda recebe respiração boca a boca. Ao contrário dos mineiros, que sempre têm o quintal como tema, Bernadette Lyra tem o espaço geográfico de Vitória, mesmo sem

¹ ALMEIDA, Amylton de. Bernadette Lyra: um novo livro da nossa melhor escritora. *A Gazeta* (Caderno 2), Vitória, p. 1, 24 out. 1985.

* Escritor e jornalista.

nomeá-lo, como situação. Para a observação de personagens sempre falhos, de uma estrutura morta. O trabalho de Bernadette Lyra se parece com o de um arqueólogo: vira e remexe, cavuca e descobre uma súbita humanidade numa geração extinta.

O novo livro é um longo conto, que o editor prefere chamar de novela. O que não importa – afinal, o trabalho de Bernadette Lyra dispensa nomenclatura. Sua base continua sendo o fragmento – pedaços da realidade que sua enorme sensibilidade registra. A duras penas, evidentemente. A estrutura social de seus personagens é a mais áspera possível, assim como a da geração que ela focaliza neste novo livro; os filhos de Médici, aquela parte da juventude que sofreu os horrores espirituais e mentais da ditadura e que hoje, na faixa dos 20 anos, não sabe que caminho seguir. Ninguém lhes forneceu a pista, a base, a crítica, a perspectiva. O resultado é uma mistura e aceitação – quase adoração – da psicanálise (sempre tão séria porque pretende um *status* científico, apesar da base especulativa e empírica), das drogas e das seitas religiosas. Afinal, três facetas do poder disfarçadas de paraíso. Os filhos de Médici (está morto mas passa bem, como se dizia dos antigos vampiros) não aceitam uma postulação crítica em face desses três sonhos.

– O livro tem uma localização em Vitória, diz Bernadette Lyra. Mas uma referência a uma Vitória fora do tempo e do espaço, uma Vitória deslocada. Não é Vitória física, a ilha, mas uma espécie de Vitória mitológica. Aquilo que se passa ali pode se passar em todo lugar. Sem dúvida é Vitória e não é Vitória.

Bernadette não se isenta em relação à geração focalizada:

– Coitadinho, morro de pena dele. Os pobrezinhos não têm nada, eles têm o vazio, esta dança geral, que é nossa, que é minha. Por isso o título. *Aqui começa a dança*. Ela começa e recomeça. Na cena final o bebê sorri, daí a epígrafe de Herbert Daniel (“Há algo errado no paraíso”), uma esperança de que um dia haja justiça para este bloco que o poder ignora. Por isso o bebê sorri no final. É um

sorriso de ironia, mas de esperança, sem dúvida. Esperança, embora ninguém saiba o que vem por aí. Talvez o apocalipse, né?

E claro que nesse trabalho arqueológico de procurar humanidade numa geração vazia só poderia ter como característica a ironia:

– Tenho ternura por essa geração. Várias pessoas, amigos mesmo de Vitória, me acusaram de crueldade, dizendo que o livro é cruel. Não é crueldade, é ternura que está ali no fundo, a busca de compreender essas pessoas. Francamente, o que move o livro é a ternura. Uma ternura desesperada, mas ternura. O livro focaliza o feminino, a vida de três mulheres, todas em busca de um paraíso impossível, o paraíso da seita, o paraíso da psicanálise, o paraíso das drogas. A senhora burguesinha, coitada, não tem nome. Eu fico com uma peninha dela! A própria personagem Ana, esse nome você pode ler de qualquer maneira, de trás pra frente, ela continua sendo Ana. Pepa, outro personagem, é um apelido. Essas mulheres são praticamente anônimas, atravessam toda a história, fragmentárias. São os estilhaços dela que estão aqui, em toda parte e também no livro.

Alguns psicanalistas se chocaram em seu fervor místico a Lacan-can-can, com um trecho do livro, no qual, a mãe, psicanalisada, segundo Lacan-can-can “finalmente confessou sua interminável paixão: Mais ainda”. O psicanalista fala: “Acabou-se seu tempo”. *Mais ainda* é uma citação de um dos postulados de Lacan-can-can: “Encore”. O humor, evidentemente, não é uma das características das três seitas focalizadas: as drogas, a psicanálise, a religião:

– Tudo é castelo de areia, e eu acho ótimo que seja. Nada é definitivo. O livro flutua pra lá e pra cá.

Bernadette também faz outra brincadeira. Com o realismo fantástico de Gabriel García Márquez, em moda nos anos 70. Uma das mulheres tem sempre duas mariposas volteando seu rosto. Chama-se Mame e Babilônia, uma citação das borboletas de *Cem anos de solidão*:

– O essencial aí é a vontade que a mãe de Pepa tem, a vontade de arrancar as asas. Elas estão aí para que tenham medo da mãe de Pepa. É uma brincadeira, uma citação. Há outros mil trocadilhos no livro, inclusive com *Cemitério marinho*, de Paul Valéry. Tem capítulos de apenas três linhas, mas eles têm uma referência imensa. Às vezes o adjetivo, a palavrinha que seja, já dá para abrir um buraco nos pés de quem está lendo. Ele vai cair nesse buraco e se virar. Ele que parta para mil e outras coisas. Eu, o autor, faço a primeira leitura. O leitor aprende e vai se abrindo para o resto do livro.

Aos poucos, Bernadette Lyra também vai abrindo espaço a nível nacional. Este é seu segundo lançado por uma editora carioca.

– Não posso dizer que tenha sido difícil. É verdade que há uma panelinha, difícil é furar essa espécie de bloqueio. Mineiro apoia mineiro de forma incondicional: basta nascer em Minas. Os que já estão estabelecidos no Rio, quando chega um cara novo, todo mundo se movimenta. Capixaba é muito difícil. Inclusive mandei o outro livro, *Corações de cristal*, para Rubem Braga. Mande, telefonei para saber se ele tinha recebido, mas quem me atendeu foi a secretária dele, muito friamente, disse que ele me telefonaria, mas até hoje. Sei que ele é capixaba, bem estabelecido, que é muito ocupado. Se fosse mineiro, que recebesse um outro autor mineiro, todas as portas se abririam. Disso eu me queixo, dessa indiferença de Rubem Braga. Os baianos também são mais solidários. Outro dia eu fui ao lançamento do livro de Sônia Coutinho, e vi como a colônia baiana tava lá em peso. Os intelectuais, os escritores, a baianada toda lá presente. A gente também tinha que ter isso, esse conluio para fazer uma forcinha e vencer este bloqueio nacional. Acredito que as pessoas deveriam, ao invés de briguinhas, se juntar para uma frente de divulgação do escritor nacional.

Atualmente Bernadette prepara o que poderá vir a ser um romance. Um tema regional, mas que certamente terá amplitude universal. Bernadette Lyra nunca se detém em seu próprio quintal, como os mineiros, nem no azeite de dendê e nas mulatas, como os baianos.

– É a história da nossa mui querida Maria Ortiz. Não sei ainda o que vai sair. Mas é esse mesmo gênero fragmentário, idas e vindas. Estou apaixonada pela história. Acho também que se você não se apaixonou pelo assunto de que trata não escreve. Tesão é essencial. Sem tesão não dá. Eu perguntei a um professor de história, eu pedi a ele algumas informações sobre Maria Ortiz. Achei que ele se sentiu mal, como se Maria Ortiz fosse uma propriedade histórica. Ele só disse que talvez ela nem tivesse existido. A partir desse ciúme de Maria Ortiz, do mito que passou a ser propriedade de alguns grupos, eu aticei meus cachorros, saí em busca, aumentou minha curiosidade.

Como será que Bernadette encara o destino da juventude que focaliza em seu livro?

– Eu vou dizer como Kafka: as portas são muitas, mas a saída é uma só. As possibilidades de saída são tantas quanto as portas. A única saída é a ironia, não tem para onde correr.

VITÓRIA (ES)
A GAZETA
QUINTA-FEIRA, 24 DE OUTUBRO DE 1985

BERNADETTE LYRA

Um novo livro da nossa melhor escritora



Hoje, a partir de 19 horas, na livraria Logos, Bernadette Lyra lança seu novo livro **Aqui Começa a Dança**, em que focaliza a geração que está na faixa de 20 anos e que cultiva três parâmetros: a psicanálise, a droga e a religião. A ironia é a principal característica.

verão ainda não chegou mais os primeiros sintomas de alegria intelectual e de prazer estéticos já estão se anunciando. Numa semana em que E. La Nave Va de Federico Fellini está em cartaz na cidade, nada mais certo do que o retorno de Bernadette Lyra, nossa melhor escritora. Ela lança hoje, a partir de 19 horas, na livraria Logos, sua obra **Aqui Começa a Dança** (Editora Marco Zero, 70 páginas).

Aos 47 anos, Bernadette, que faz doutoramento em Arte na Universidade de São Paulo, continua desenvolvendo uma trajetória que começou com *As Contas no Canto* (1981), *O Jardim das Delícias* (1984) e *Corações de Cristal ou A Vida Secreata das Enceradeiras* (1984), assistindo todo o academicismo da literatura capixaba, provando que a tão propalada morte do conto ainda recebe respiração boca a boca. Ao contrário dos mineiros, que sempre têm um quental como tema, Bernadette Lyra tem o espaço geográfico de Vitória, mesmo sem nomeá-lo, como situação. Para a observação de personagens sempre falhos, de uma estrutura morta. O trabalho de Bernadette Lyra se parece com o de um arqueólogo vira e remexe, cavava e descobre uma sábia humanidade numa geração extinta.



Foto de José A. Magnago

Caderno Dois

Bernadette Lyra, em lançamento nacional: "Tenho ternura por essa geração"

framente, disse que ele me telefonaria, mas até hoje. Sei que ele é capixaba, bem estabelecido, que é muito ocupado. Se fosse mineiro, todas as portas se abririam. Isso eu me lembro, dessa indiferença de Rubem Braga. Os baianos também são mais solidários. Outro dia eu fui ao lançamento do livro de Sônia Coutinho, e vi como a cultura baiana tava lá em peso. Os intelectuais, os escritores, a bananada toda lá presente. A gente também tinha que ter isso, esse contido para fazer uma fresinha e vencer este bloco nacional. Acredito que as pessoas deveriam, ao invés de briguinhas, se juntar para uma frente de divulgação do escritor nacional.

Atualmente, Bernadette prepara o que poderá vir a ser um romance. Um tema regional, mas que certamente terá amplitude universal. Bernadette Lyra nunca se detém em seu próprio quental, como os mineiros, nem no azeite de dendê e nas mulatas, como os baianos.

— É a história da nossa mãe querida Maria Ortiz. Não sei ainda o que vai sair. Mas é esse mesmo gênero fragmentário, idas e vindas. Estou apaixonada pela história. Acho também que se você não se apaixonar pelo assunto de que trata não escreve. Tenho é essencial. Sem estão não dá. Eu pergunto a um professor de história, eu pedi a ele algumas informações sobre Maria Ortiz. Achei que ele se sentiu mal, como se Maria Ortiz fosse uma propriedade histórica. Ele só disse que talvez ela nem tivesse existido. A partir desse clima de Maria Ortiz, do mito que passou a ser propriedade de alguns grupos, eu atiquei meus cachorros, sai em busca, aumentou minha curiosidade.

Como será que Bernadette encora o destino da juventude que focaliza em seu livro?

— Eu vou dizer como Kafka: as portas são muitas, mas a saída é uma só. As possibilidades de saída são tantas quanto as portas. A única saída é a ironia, não tem para onde correr.

AMYLTON DE ALMEIDA

editor prefere chamar de novela. O que não importa — afinal, o trabalho de Bernadette Lyra dispensa nomenclatura. Sua base continua sendo o fragmento — pedaços da realidade que sua enorme sensibilidade registra. A dura pena, evidentemente. A estrutura social de seus personagens é a mais áspere possível, assim como a da geração que ela focaliza neste novo livro: os filhos de Médici, aquela parte da juventude que sofreu os horrores espirituais e mentais da ditadura e que hoje, na faixa dos 20 anos, não tem que caminho seguir. Ninguém lhes forneceu a pista, a base, a crítica, a perspectiva. O resultado é uma mistura e aceitação — quase adoração — da psicanálise sempre tão séria porque pretende um status científico, apesar da base especulativa e empírica, das drogas e das seitas religiosas. Afinal, três facetas do poder dissociadas de paraiso. Os filhos de Médici (está morto mas passa bem, como se dizia dos antigos vampiros) não aceitam uma postulação crítica em face desses três sonhos.

— O livro tem uma focalização em Vitória, diz Bernadette Lyra. Mas uma referência a uma Vitória fora do tempo e espaço, uma Vitória deslocada. Não é Vitória física, a ilha, mas uma espécie de Vitória mitológica. Aquilo que se passa ali pode se passar em todo lugar. Sem dúvida é Vitória e não é Vitória.

Bernadette não se isenta em relação à geração focalizada:

— Cotidinho, morto de pena dele. Os pobrezinhos não têm nada, eles têm o vazio, esta dança geral, que é nossa que é minha. Por isso o título. **Aqui Começa a Dança** — a dança e o começo, na outra

Herbert Daniel ("Há algo errado no paraiso"), uma esperança de que um dia haja justiça para este bloco que o poder ignora. Por isso o bebê sorri no final. E um sorriso de ironia, mas de esperança, sem dúvida. Esperança, embora ninguém saiba o que vem por aí. Talvez o apocalipse, né?

E claro que neste trabalho arqueológico de procurar humanidade numa geração vazia só poderia ter como característica a ironia.

— Tenho ternura por essa geração. Várias dessas, amigos mesmo de Vitória, me acusaram de crueldade, dizendo que o livro é cruel. Não é crueldade, é ternura que está ali no fundo, a busca de compreender essas pessoas. Francamente, o que move o livro é a ternura. O livro ternura desesperada, mas ternura. O livro focaliza o feminino, a vida de três mulheres, todas em busca de um paraiso impossível, o paraiso da seita, o paraiso da psicanálise, o paraiso das drogas. A senhora burguesinha, contada, não tem nome. Eu fico com uma peninha dela! A própria personagem Ana, esse nome você pode ler de qualquer maneira, de trás pra frente, ela continua sendo Ana. Pepa, outro personagem, é um apelido. Essas mulheres são praticamente anônimas, atravessam toda a história, fragmentárias. São os estilhaços dela que estão aqui, em toda parte e também no livro.

Alguns psicanalistas se encucaram em seu fervor místico a Lacan-can-can, com um troço do livro. *No queim, a base, psicanalizada segundo Lacan-can-can* "finalmente confessou sua interminável paixão. Mas, ainda". O psicanalista fala: "Acabou-se seu tempo". **Mais ainda** é uma citação de um dos postulados de Lacan-can-can: "Encore". O humor, eviden-

três seitas focalizadas: as drogas, a psicanálise, a religião.

— Tudo é castelo de areia, e eu acho ótimo que seja. Nada é definitivo. O livro flutua pra lá e pra cá.

Bernadette também faz outra brincadeira. Com o realismo fantástico de Gabriel Garcia Marquez, em moda nos anos 70. Uma das mulheres tem sempre duas manoplas voltando ao seu rosto. Chame-se Mame e Babilônia, uma citação das borboletas de *Cem Anos de Solidão*.

— O essencial aí é a vontade que a mãe de Pepa tem, a vontade de arrancar as asas. Elas estão aí para que tenham medo da mãe de Pepa. E uma brincadeira, uma citação. Há outros mil trocadilhos no livro, inclusive com *Cemitério Marinho*, de Paul Valéry. Tem capítulos de apenas três linhas, mas eles têm uma referência imensa. As vezes o adjetivo, a palavra que seja, já dá para abrir um buraco nos pés de quem está lendo. Ele vai cair nesse buraco e se virar. Ele que parta para mil e outras coisas. Eu, o autor, faço a primeira leitura. O leitor aprende e vai se abrindo para o resto do livro.

Aos poucos, Bernadette Lyra também vai abrindo espaço a nível nacional. Este é o seu segundo lançamento por uma editora carioca.

— Não posso dizer que tenha sido difícil. É verdade que há uma parcinha, difícil é tirar essa espécie de bloquete. Mineiro apoia mineiro de forma incondicional: basta nascer em Minas. Os que já estão estabelecidos no Rio, quando chega um cara novo, todo mundo se movimenta. Capixaba é muito difícil. Inclusive mandei o outro livro, *Corações de Cristal*, para Rubem Braga. Mandei, telefones para saber se ele tinha recebido mas quem me

Fac-símile da resenha de Amylton de Almeida, publicada no jornal *A Gazeta*.